
Perspectivas em movimento: inclusão artístico-cultural da pessoa com deficiência

ANA RITA FERRAZ*

NINFA CUNHA**

Resumo

Neste texto, são apresentados e discutidos os resultados do projeto Perspectivas em Movimento: inclusão artístico-cultural da pessoa com deficiência, da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SECULT) – Fundo de Cultura da Bahia, Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB) –, executado no período de abril a outubro de 2010. Trata-se de um processo de autoconhecimento que se dá nas relações humanas como possibilidade formativa, com base na vivência teatral, na integração de pessoas com deficiência e professores.

Palavras-chave: Formação. Diversidade. Corpo.

Apresentação

O projeto *Perspectivas em Movimento*, contemplado em um edital de formação e qualificação artístico-cultural da Secretaria

* Psicóloga. Psicodramatista. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Pesquisadora do Grupo de Estudos em Psicanálise, Educação e Representações Sociais. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. E-mail: atovivo@gmail.com.

** Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Relações Públicas. Dançarina e diretora do RodArt – Companhia de Dança Inclusiva. E-mail: perspectivasesmmovimento@gmail.com.

de Cultura do Estado da Bahia (Secult) – Fundo de Cultura da Bahia, Fundação Cultural do Estado da Bahia (Funceb) –, surgiu como resposta ao imenso fosso que separa os direitos legalmente determinados para a promoção de acessibilidade à pessoa com deficiência e sua efetiva realização nas práticas sociais cotidianas. Objetivou-se fortalecer os direitos fundamentais da pessoa com deficiência, ampliando ações de inclusão e de acessibilidade, de acordo com a Constituição Federal (art. 215), por meio de um programa de formação em arte inclusiva – teatro, contato e improvisação – que adotou a diversidade como princípio.

¹ Definiu-se como experiência estética o modo de ser do sujeito, em abertura e disposição no mundo, constituídos, ambos, na mutualidade. Esta comunhão, que se faz em estado de corpo, desperta a sensorialidade e sensibilidade, que implica em uma espécie de saber irreflexivo, num primeiro momento, para em seguida constituir-se palavra e sentidos, pela reflexão. A experiência assim pensada, necessariamente, promove a suspensão de qualquer juízo de valor, portanto, de preconceitos, partindo sempre de um *a priori* afetivo. Para aprofundamento do conceito, cf.: PITA, 1999; DUFRENNE, 1998.

Inicialmente pensado para suprir necessidades de qualificação técnica de artistas ou de outros que possuem algum tipo de deficiência – considerando que na cidade de Salvador não existem iniciativas do tipo, exceto como atividade pedagógica ou ocupacional em instituições especializadas –, tomou a proporção de um projeto de formação mais ampla, investindo na experiência estética¹ como condição indispensável para significar e integrar criativamente possibilidades existenciais.

Na qualidade de movimento político-cultural, defendeu o direito de cada pessoa comunicar-se e expressar-se com inteireza, como condição para pertencimento e criação da vida cidadã, em acordo com a fala de Fred Maia, gerente de articulação do Ministério da Cultura-Brasil:

A pessoa com deficiência produz cultura, e muitas vezes ela é mostrada de forma folclórica. As pessoas costumam dizer que é um deficiente que pinta, e não um artista que tem uma deficiência. O nosso objetivo é dar visibilidade ao conteúdo artístico e criar condições para que as pessoas produzam sua arte e sejam valorizadas. Com isso, permitimos o acesso não só do artista com deficiência à produção cultural, mas da sociedade em geral, aos conteúdos culturais produzidos por esses artistas².

A fim de criar tensionamentos importantes do ponto de vista humano e validar empiricamente disposições formativas e políticas,

² Cf. OFICINA discute inclusão de portadores de deficiência em ações culturais. Fala registrada durante a oficina que discutiu a inclusão de portadores de deficiência em ações culturais. *Agência Brasil-DF*, Tais Leitão, 18 out. 2008. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2008/10/20/oficina-discute-inclusao-de-portadores-de-deficiencia-em-acoes-culturais/>>. Acesso em: 10 out. 2009.

o projeto abrangeu, também, professores da rede de ensino público, estendendo suas ações, em seguida, a professores de instituições especializadas no atendimento de pessoas com deficiência, técnicos em Libras e em audiodescrição, bem como aos cuidadores e aos pais, que acompanhavam os filhos nas oficinas. Nesse sentido, os princípios da inclusividade³ e da diversidade foram ratificados nas ações realizadas, resultando num processo de autoconhecimento na relação e pelo corpo.

Insistindo na inclusão da pessoa com deficiência: incitando novas perspectivas

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴, em 2000 existiam 24,6 milhões de brasileiros com algum tipo de deficiência, o que equivalia a 14,5% da população nacional, grande parte concentrada no Nordeste do País – 16,8%. Desse total, apenas 9 milhões estavam inseridas no mercado de trabalho, sendo que mais da metade (4,9 milhões) ganhava até dois salários mínimos. Esses números geram consequências alarmantes diante da falta de recursos e de infraestrutura apropriada para a garantia da participação política, social e cultural da pessoa com deficiência. Ainda aguardando dados do censo que está sendo realizado em 2010, a estimativa é de que em 2009 já existiam no País cerca de 26 milhões de pessoas nessa condição.

Dentre as diversas iniciativas para a defesa dos direitos da pessoa com deficiência (destacando-se, aqui, a inclusão da criança com deficiência nas escolas regulares, as cotas para trabalho em empresas, as discussões e reformas da arquitetura urbana), em outubro de 2008, foi realizada pelo Ministério da Cultura, no Rio de Janeiro, a *Oficina Nacional de Indicação de Políticas Públicas*

³ O sentido da inclusividade aqui se aproxima do conceito de *hospitalidade incondicional* de Derrida (2003), referindo-se ao acolhimento do que chega do estrangeiro, com a sua gramática, sem ditar normas para a convivência, que, afinal, se faz pelo tensionamento dos diferentes.

⁴ Cf. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 26 jun 2010.

⁵ Registre-se que até então o Ministério da Cultura/Secretaria de Identidade e Diversidade Cultural não tomou medidas para fazer valer as diretrizes e ações traçadas no relatório gerado no encontro. Observou-se que aqui em Salvador as secretarias de Cultura do Estado e do Município, bem como os espaços culturais a elas vinculados, não têm conhecimento nem da oficina, tampouco do documento.

⁶ Cf. BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: set. 2009.

e *Culturais para Inclusão de Pessoas com Deficiência*⁵. A referida Oficina, baseada na *Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais*, da Unesco, teve como objetivo “formular e implementar políticas públicas que estimulem ações transversais de promoção da diversidade cultural brasileira”. Reconhecia-se, no texto, a exclusão histórica das pessoas com deficiência, endossando o Direito Constitucional de Acesso aos Bens Culturais (Constituição Federal, art. 244)⁶. A iniciativa desse Ministério chama a atenção para os sentidos da diversidade e necessidade de investimentos num grande contingente de brasileiros precariamente assistidos quanto aos seus direitos fundamentais.

A despeito dos recursos destinados aos planos de atenção à pessoa com deficiência, a exemplo do citado e, também, da *I Conferência Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência da Bahia*, realizada em 2005, e da *II Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência*, o que se observa é que as ações implementadas estão longe de atingir as metas ambiciosamente previstas nas diversas esferas das políticas públicas.

Observando a cena social e a despeito de todas as iniciativas referidas, encontram-se:

- expressivo número de pessoas com deficiência que não têm acesso a emprego ou estão em condição de subaproveitamento das suas potencialidades;
- inadequação do espaço urbano quanto à acessibilidade necessária para acolhimento das necessidades não somente de pessoas com deficiências, mas de idosos e de outros que demandam condições apropriadas para deslocamento, circulação e acesso a serviços;
- falta de acessibilidade nos equipamentos culturais, o que implica a efetiva ausência de pessoas com deficiência nesses espaços, na condição de artistas ou de apreciadores;
- despreparo dos agentes públicos (incluindo-se aqui professores nos vários níveis de formação) para acolhimento e apoio à pessoa com deficiência nas diversas instituições.

Ao se considerar que projetos que têm como foco a inclusão da pessoa com deficiência participam, sobretudo, de editais na área dos Direitos Humanos, o *Perspectivas* veio inaugurar, no Estado da Bahia, a possibilidade de pensarmos nos direitos desse segmento populacional no campo mais geral das políticas públicas – nesse caso, da arte, da cultura e da educação. Para tanto, o projeto se apoiou:

- na Constituição Federal brasileira de 1988, art. 215⁷: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”;
- na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu respectivo Protocolo Facultativo, ratificado pelo Congresso Nacional em 9/7/2008, pelo Decreto legislativo n. 186/2008, aqui ressaltados os arts. 30 (2) e 4 (i)⁸:

Art. 4.i. Promover a capacitação de profissionais e de equipes que trabalham com pessoas com deficiência, em relação aos direitos reconhecidos na presente Convenção, para que possam prestar melhor assistência e serviços assegurados por tais direitos;

Art. 30.2. Os Estados Parte tomarão medidas apropriadas para que as pessoas com deficiência tenham a oportunidade de desenvolver e utilizar seu potencial criativo, artístico e intelectual, não apenas em benefício próprio, mas também para o enriquecimento da sociedade;

- na Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes, resolução aprovada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas em 9/12/75⁹, e na Declaração Universal dos Direitos Humanos¹⁰.

Como princípios e diretrizes das ações pretendidas e desenvolvidas, definimos:

1. diversidade como fundamento da vida;
2. ética como escuta sensível das diferenças, e criação de valores vitais;

⁷ Cf. BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%3%A7ao.htm>. Acesso em: jul. 2009.

⁸ BRASIL. Decreto Legislativo n. 186, de 9 julho de 2008. Disponível em: <http://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/99423?mode=simple&submit_simple=Refer%3AAncia+simplificada>. Acesso em: jul. 2009.

⁹ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Declaração dos direitos das pessoas deficientes*: resolução aprovada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas em 9 de dezembro de 1975. Disponível em: <<http://www.g-sat.net/deficientes-2473/declaracao-dos-direitos-das-pessoas-deficientes-299264.html>>. Acesso em: jul. 2009.

¹⁰ BRASIL. Assembleia Geral das Nações Unidas. *Declaração universal dos direitos humanos*. 10 dez. 1948. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_intern_universal.htm>. Acesso em: jul. 2009.

3. experiência comum como condição indispensável para significar e integrar criativamente possibilidades existenciais;
4. atitude política como produção de modos de existir atravessados pela experiência comum;
5. experiência estética como abertura à dimensão sensível e à liberdade de ser em acordo com a natureza própria dos seres;
6. cultura como produção sócio-histórica de instituições, valores e (inter)subjetividades.

Para tanto, foram realizadas cem horas de oficinas de teatro e dança/contato e improvisação para 120 pessoas, divididas em quatro grupos. Os encontros foram orientados por um professor/diretor de teatro. Além de pessoas com deficiências – física, visual, intelectual, múltiplas e paralisia cerebral –, o projeto contemplou professores das redes públicas estadual e municipal (de três diferentes municípios do Estado da Bahia), professores de instituições especializadas no atendimento da pessoa com deficiência, técnicos com formação na Língua Brasileira dos Sinais (Libras) e em audiodescrição, além de cuidadores e pais.

Ressaltamos que a metodologia utilizada nas oficinas implicava radicalmente os sujeitos com sua afetividade, incitando a vivência do momento e inteireza nas suas expressões. A alteridade era vivida como condição de ser, num movimento contínuo de desfazimento de posições conservadas, o que era facilitado pelos tensionamentos próprios da convivência dos diferentes e pela lógica avessa da *de-formação*. Os recursos corporais e a exploração de novos esquemas proporcionaram, ainda, a intimidade com o próprio corpo desconhecido e com o do outro, despertando a consciência do si mesmo, que rompe com o isolamento e situa-se como abertura.

Considerando tal diversidade e o viés educativo e terapêutico do processo¹¹, aconteceram, ainda, encontros para processamento do vivido e integração das sínteses produzidas, acompanhados

¹¹ Ressaltamos a diferença aqui entre terapêutico e psicoterápico. Enquanto o primeiro decorre de qualquer experiência que promova o deslocamento de uma posição existencial para outra, ou de perspectivas, e a integração dessas como modo de ser e perceber-se no mundo, o segundo mantém o foco na experiência privada e na clínica psicológica.

por uma psicóloga e educadora, durante 20 horas, intercaladas no cronograma das oficinas. É preciso dizer que deslocar perspectivas, para alguns, não ocorreu sem dor, uma vez que promoveu a revisão e a mudança de posições existenciais.

O compartilhamento de experiências, a narração daquilo que num primeiro instante estava apenas em estado de corpo¹², possibilitou a ancoragem na palavra como modo de ressignificar vivências, integrando-as, além de fortalecer os laços solidários no grupo.

Para tanto, no projeto *Perspectivas em Movimento: inclusão artístico-cultural da pessoa com deficiência* propôs-se a experiência estética, por meio do teatro, como via para produção de sínteses poéticas pelo e nos corpos, buscando uma multiplicidade de signos e de leituras que transcendessem o discurso do “bom gosto” e do “perfeitamente adaptado”, criado e mantido desde a tradição clássica. Investiu-se, assim, em corpos que contradizem as formas e movimentos definidos pelos conceitos de harmonia, proporção e simetria, como provocação para fazer pensar os modos de ser daqueles que têm seus direitos reduzidos ou negados, em razão de uma não eficiência, nos moldes exigidos pelo mundo do capital.

Ao tomar como objeto a inteireza e a plasticidade de corpos sensíveis, colocava-se a experiência estética como condição para um trajeto formativo complexo, uma vez que este rompe com a lógica que disciplina e conforma os processos sociais e educacionais, em especial aqueles que subtraem, além do corpo, a espontaneidade e a criatividade dos que “devem ser educados e adaptados” de acordo com o conceito de normalidade vigente. O *Perspectivas em Movimento* contrariava, dessa maneira, a lógica da “disciplinarização”, partindo da lógica da *de-formação*, mediante a substituição do paradigma da “não eficiência” pelo da *criação e abertura à pluralidade de manifestações do ser*.

Tratando da participação de professores, o projeto visou, a um só tempo, à desrealização de valores e modelos culturais e

¹² Sobre a narração e o modo como a experiência coletiva realiza-se como autocriação, cf. BENJAMIN, 1985. No mesmo livro, ver o capítulo sobre “Experiência”.

pedagógicos e à experiência de novos ordenamentos. Considerando que os programas de formação tradicionais, em geral, ocorrem por intermédio da construção conceitual da deficiência e, por conseguinte, da subtração da historicidade e dos corpos, ainda que isso possa parecer redundante, esses promovem uma espécie de inclusão segmentada, que tem como consequências modelos de aprendizagem que cindem teoria e práxis. O pensamento abstrato produz, assim, sujeitos igualmente abstratos e invisíveis do ponto de vista sociocultural¹³.

¹³ Essa cisão implica consequências igualmente danosas para os estudantes e para a educação em geral, contribuindo para a violência nesses espaços e para o esvaziamento das escolas, especialmente pelos jovens.

Não é incomum a resistência em receber, nas escolas, como estudantes, ou mesmo como professores, pessoas com deficiência, geralmente aceitas por imposição legal. Os discursos versam sobre a falta de preparo dos professores, mas revelam, sobretudo, as dificuldades para se lidar com o diverso em sua expressão mais radical. Para além das dificuldades criadas na convivência entre religiões, etnias, gêneros, a convivência com a pessoa com deficiência revela, numa relação especular, a fragilidade dos dogmas que sustentam a sociedade, no sentido da forma como recurso de controle, disciplinarização de condutas e aderência a valores hegemônicos.

Por meio da arte, o corpo vivido como atravessamento de intensidades e fluxo¹⁴, contrariamente, incita novos agenciamentos, colocando a vida ao centro. Isso significa dizer que a inclusividade opera pela convivência dos diversos – característica que demarca as tensões entre o pensamento moderno e a contemporaneidade.

¹⁴ Para maior aprofundamento sobre o tema, cf. DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1996, v. 3, p. 9-29, e, para a noção de realismo grotesco, BAKHTIN, 1999.

Quanto aos professores, o projeto objetivava movimentos de perspectivas, a fim de que eles pudessem, com base na experiência estética, na vida e na escola, desencadear uma operação criadora de novas realidades que incluíssem o afeto e a diversidade como fundamento e práxis. Reiteramos, mais uma vez, que tais deslocamentos, possíveis como experiência, implicam modos de ser no mundo.

A formação de professores, por tal maneira, ao ser pensada com base na *convivência*, mostrou que as ações de acessibilidade e a

educação que se deseja inclusiva devem ultrapassar as barreiras do *preconceito*¹⁵ e disciplinares, que atuam de modo segregacionista, ainda que o discurso da inclusão seja mote de grande parte dos programas de formação educacional, quer esses estejam voltados para a pessoa com deficiência, quer para aqueles desassistidos pelas políticas públicas.

Em geral, os cursos de formação se limitam à qualificação técnica, como no ensino de Libras nos cursos de pós-graduação ou disciplinas inseridas nos currículos da graduação. Esta, contudo, por si, não promove mudanças na cultura escolar e na atitude de estudantes, professores e técnicos na direção da experiência com o diverso. Ainda que a qualificação técnica e a informação sejam imprescindíveis para a profissionalização, o projeto *Perspectivas* destacava a necessidade do compartilhamento de experiências que incitasse a abertura e disposição para a inclusividade, além do contato dos professores com as suas dificuldades e potencialidades, que emergiam na relação com aqueles que as vivem, dificuldades e também potencialidades, como estigma social.

Ressaltamos que toda perspectiva é necessariamente situada, ou seja, não se encontra apartada da vida. Deslocar perspectivas, portanto, resulta na criação de conceitos que enredam os sujeitos e os seus lugares, colocando-os em crise – sujeitos e contextos. Então, se por um lado a vivência da crise, necessariamente, desencadeia emoções que encontram eco no grupo, produzindo dor num primeiro momento, por outro possibilita fazer a crítica radical dos valores sociais. A formação assim pensada abdica da visão teórica desencarnada e referencia-se nas práticas concretas e demandas pelos sujeitos implicados.

Ainda registramos que tais cursos ora são voltados exclusivamente para educadores, nos moldes descritos, ora para pessoas com deficiência. Apostando no vínculo como lócus operativo onde se processam os encontros e os papéis sociais e psicodramáticos se realizam, o projeto *Perspectivas* propôs oficinas nas quais esses

¹⁵ Um *preconceito* implica a criação de um conceito que antecede a experiência, portanto, um conceito abstrato e desenraizado. Se assim é, os cursos de formação partem, fundamentalmente, de juízos de valor previamente acordados.

laços fossem tensionados pela convivência – nesse caso, entre professores, estudantes e pais. O que se viveu foi a relação entre pessoas que experienciaram novos modos de estar no mundo, inclusiva e interdependentemente.

Os encontros para processamento do vivido¹⁶ revelaram um processo de autoconhecimento que resultou na revisão de valores e sentimentos que transcenderam o campo profissional. A mobilização dos sentimentos pela via do corpo acontecia intensivamente nas oficinas e a reflexão posterior possibilitava a criação de sínteses. Em tais encontros, fundamentais para dar à experiência sentidos próprios e apropriados, os relatos sempre incluíam conteúdos afetivos de ordem privada. Considerando que as sessões eram conduzidas por uma psicóloga, o grupo acolhia a fala, que era logo socializada, a fim de que o foco fosse mantido no grupo, e não em demandas pessoais. Ressaltamos que tais movimentos aconteciam em tempos e intensidades distintas, de acordo com as possibilidades de cada pessoa.

O projeto foi, assim, ao encontro do proposto no § 5º da *Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes*¹⁷, aprovada na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas em 1975: “As pessoas deficientes têm direito a medidas que visem capacitá-las a tornarem-se tão autoconfiantes quanto possíveis”. Ademais, a formação da pessoa com deficiência em teatro/contato e improvisação possibilitou, para aqueles que atuam no cenário artístico, qualificação profissional, criando condições para seu reconhecimento e sua participação efetiva nos movimentos artístico-culturais da cidade.

Conclusão

A experiência das oficinas superou todas as expectativas previstas, especialmente por causa da diversidade que o grupo assumiu, inicialmente não planejada. O público-alvo do projeto constituiu-se

¹⁶ As falas foram gravadas para serem posteriormente transcritas, com a finalidade de produzir um *Caderno Temático*.

¹⁷ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Declaração dos direitos das pessoas deficientes*: resolução aprovada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas em 9 de dezembro de 1975. Disponível em: <<http://www.g-sat.net/deficientes-2473/declaracao-dos-direitos-das-pessoas-deficientes-299264.html>>. Acesso em: jul. 2009.

pessoas com deficiência física e visual, bem como de professores da rede de ensino público estadual, apenas. Considerando a demanda espontânea de pessoas com outras deficiências e de professores de instituições especializadas encaminhados pela Secretaria de Educação e instituições parceiras, os que chegavam iam sendo incluídos, até mesmo pais e cuidadores. Posteriormente, dadas as dificuldades de acesso às pessoas com deficiência auditiva, foi convidado um especialista em Libras.

A configuração do grupo assumiu, por tal feita, uma diversidade não contemplada inicialmente no projeto, precipitando novos movimentos na equipe técnica – nas estratégias metodológicas – e no grupo em geral. Afinal, descobrir-se com e no outro possibilitou que cada um reconhecesse suas próprias deficiências e potencialidades, estando a condição de “pessoa com deficiência” distendida para além dos modelos normativos.

Destacamos, contudo, que, ao se admitir que todos igualmente possuem dificuldades, procuramos não negar a deficiência como evento que produz limitações do ponto de vista da autonomia e da independência¹⁸. No projeto *Perspectivas*, então, ressaltava-se que a potência de cada um estava em afirmar essa limitação em acordo com suas condições, rechaçando, contudo, a deficiência como produção exclusivamente cultural e sociopolítica.

Assim foi que os educadores participantes do projeto puderam ressignificar e reanimar suas práticas pedagógicas, ainda que muitos, especialmente aqueles que trabalhavam nas instituições especializadas, já demonstrassem sensibilidade para tais mudanças. Mostrava-se como novidade, contudo, a vivência do autocohecimento como caminho formativo e relacional.

As pessoas com deficiência, por sua vez, puderam falar e viver a própria deficiência não apenas como produção social e política, mas como condição de ser no mundo. Ao se reconhecerem afirmativamente como pessoas, algumas passaram a assumir a dimensão política da vida em sociedade. Era evidente, até

¹⁸ Foi relevante, para que não se perdesse esse foco, a contribuição da professora Jaciete Barboza Santos, doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado da Bahia e membro do Núcleo de Educação Especial da UNEB, que também participava das oficinas como cursista. Considerando que, ao perceberem suas dificuldades e limitações, portanto, algo que os irmanava do ponto de vista do humano, corria-se o risco de negar a diferença e toda luta política voltada para a defesa dos direitos da pessoa com deficiência.

mesmo para os que possuíam deficiência intelectual e que não faziam elaborações mais complexas do ponto de vista de reflexões formais, a alegria despertada pelo sentimento de pertencer a um grupo e a experiência de um autoconceito positivo.

Os pais participantes, em número de apenas três, revisitaram sua trajetória como pais e como pessoas que, cotidianamente, se viam diante dos desafios de cuidar dos filhos numa sociedade que os exclui por antecipação, reconhecendo o processo de aprendizagem resultante dessa vivência. Por meio da exploração do corpo puderam entrar em contato com as próprias emoções e experimentar o sentimento de cumplicidade possível nas relações. Para além do constrangimento imputado pela condição de *pais de filhos deficientes*, começaram a se colocar de forma assertiva diante de situações nas quais os direitos deles e os dos seus filhos eram desconsiderados.

Foi, sobretudo, significativa essa mudança de autoconceito. Não somente as pessoas com deficiência, mas também educadores e pais sentiram-se fortalecidos quanto às suas potencialidades para promover mudanças na sua vida e no ambiente em que vivem. Sentir-se potente e gostar de si mesmo resultou em respostas significativas do ponto de vista psicológico, social e político para o grupo e para cada um em particular.

Constatamos, também, que a relação e o investimento nas tensões produzidas pelo encontro possibilitaram esse movimento: o outro aparecia como espelho no qual era possível reconhecer os próprios medos, desejos e necessidades. Ao experienciar a própria incompletude e as próprias limitações, perceberam que a falta não é privilégio de pessoas com deficiência.

A vivência em grupo demonstrou, ainda, o vigor das criações coletivas e o respeito à vida. Foi realizada no dia 17 de agosto uma aula espetáculo, na qual cada um pôde escolher o que lhe era mais próprio como manifestação artística. O espetáculo foi dirigido pelo professor-diretor de teatro Walter Rosadilla, também

responsável pelas oficinas, que cuidou para que todos interagissem com base nas suas aptidões e desejos, apenas. O cuidado com o outro e consigo revelaram-se nos pequenos detalhes e na liberdade para deixar ser, em acordo com as disposições possíveis para cada um e nas relações.

As dificuldades encontradas foram, sobretudo, de ordem operacional, especialmente quanto à agenda dos professores das escolas regulares, que trabalham nos três turnos e não são liberados para formação, a despeito da parceria estabelecida com a Secretaria de Educação do Estado, por meio da Coordenadoria de Educação Especial¹⁹. Por outro lado, quanto ao trabalho com as pessoas com deficiência, a maior dificuldade foi situada no contato com aqueles que possuem deficiência auditiva, considerando que, apesar da lei para ensino de Libras na escola regular, apenas os professores que fizeram o curso específico dominavam a linguagem dos sinais. Ainda assim, pode-se viver nas oficinas outro tipo de comunicação: aquela que é possibilitada pelo corpo expressivo e pelo afeto.

Assim, a arte, nesse caso o teatro, foi não apenas o instrumento, mas provocou experiências que suscitavam com radicalidade a sensorialidade dos participantes, possibilitando-lhes, cada uma ao seu modo e tempo, o contato consigo mesmo na perspectiva de um movimento contínuo de modos de ser em relação com o mundo e de acordo com a sua natureza e suas circunstâncias.

No intuito de ampliar a ação do projeto, foram estabelecidas parcerias com organizações governamentais²⁰ e do Terceiro Setor. Quanto ao local de realização do projeto, destacamos que são raros os espaços culturais da cidade de Salvador que oferecem condições de acessibilidade, ainda que não idealmente. A parceria com o Espaço Xisto Bahia, Secretaria de Cultura do Estado, incluiu como seu objeto a cessão de uma sala de ensaios para as oficinas e, como contrapartida:

- a realização de seminários para a comunidade, em especial para as escolas próximas, com os temas inclusão, arte e educação; e

¹⁹ Ressalte-se o empenho de Ninfa Cunha, coordenadora-geral do projeto, para articulação da rede de instituições e de pessoas, mantendo e reforçando continuamente o caráter político do projeto. Ninfa é reconhecida na dança inclusiva e atuante nos movimentos político-culturais de defesa dos direitos da pessoa com deficiência.

²⁰ Ressalte-se a parceria com a Universidade do Estado da Bahia para a certificação do curso, fundamental para a liberação dos professores, e sua creditação. id/99423?mode=simple&submit_simple=Refer%C3%Aancia+simplificada. Acesso em: jul. 2009.

- a realização de uma oficina sobre inclusão e acessibilidade para funcionários do Xisto, da Biblioteca Central do Estado, bem como de representantes de Pontos de Cultura.

No primeiro caso foram realizadas duas sessões de vídeo para jovens de uma escola pública estadual, nas quais foram discutidas a acessibilidade, a inclusão e a sexualidade da pessoa com deficiência – vídeo do gênero documentário, produzido pelo Ministério da Cultura. A reação de muitos jovens foi de descaso, e registrou-se o não comparecimento de professores.

Em relação ao segundo item, foram propostos a experiência empática – colocar-se no lugar do outro – e os desafios geralmente enfrentados por pessoas com deficiência. Assim, funcionários e gestores experimentaram andar de olhos vendados e bengalas e de cadeiras de rodas, na rua, no entorno e no *foyer* do Espaço Xisto, pedindo informações e enfrentando necessidades cotidianas, criadas especialmente para o momento – atravessar a rua, comprar ingresso, utilizar sanitários, etc. Posteriormente, foi aberto um espaço para o processamento do vivido, contando com a participação de pessoas com deficiência, física e visual – nesta última, uma técnica em audiodescrição, uma fisioterapeuta, uma intérprete de Libras e uma psicóloga.

O projeto *Perspectivas em Movimento* foi divulgado na mídia escrita e televisiva, bem como na *Web* e em encontros que abordavam o tema da inclusão de pessoas com deficiência, sempre ressaltando a arte e a cultura como possibilidades de desestabilizar hábitos cristalizados, na direção de uma teia social verdadeiramente inclusiva. Também os professores não apenas persistiram em ações desse tipo, como as difundiram entre seus pares, apresentando o projeto e narrando suas experiências durante as Atividades Coordenadas em suas escolas. Registramos o patrocínio de um documentário, em fase de produção, fruto de parceria com o Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia, Secretaria de Cultura do Governo do Estado da Bahia.

Por fim, ainda com o objetivo de envolver cada vez mais pessoas e instituições nesse movimento, alterando, quem sabe, perspectivas, na aula-espetáculo do dia 17 de agosto deste ano, foram compartilhadas, com convidados representantes de parceiros e da sociedade civil, ações afirmativas de diversidade e de competência política por meio da arte e da cultura.

Esse espetáculo foi posteriormente ampliado, incluindo outras pessoas com deficiência, indicadas pelas instituições parceiras, além de artistas convidados, para o *II Casulo Cultural de Artes Inclusivas*, apresentado no teatro do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia, no dia 21 de setembro de 2010, Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência, para estudantes das escolas públicas, pessoas com deficiência vinculadas a instituições especializadas, professores e pais.

Findo o contrato com a Funceb, o projeto *Perspectivas* perde a possibilidade de manter suas oficinas, por exclusiva falta de recursos, ainda que persista como movimento por meio da narração das experiências dos participantes e divulgação nos meios acadêmicos e culturais. Novas tentativas, contudo, estão sendo feitas para busca de patrocínios.

A avaliação final do processo indica que o projeto produziu tensionamentos importantes para ampliar as discussões sobre políticas públicas de acessibilidade e inclusão nas áreas da arte, da cultura e da educação.

Abstract

PERSPECTIVES ON THE MOVE: THE ARTISTIC AND CULTURAL INCLUSION OF DISABLED PEOPLE

This paper presents and discusses the results of the Perspectives in Motion: the artistic and cultural inclusion of the disabled person project, by the Secretary of Culture of the State of Bahia (SECULT) – the Bahia Culture Fund, and the Bahia Cultural Foundation (FUNCEB) – implemented from April to October 2010. This is a process of self-awareness that occurs in human relations as an educational possibility, based on the theatrical experience and the integration of people with disabilities and teachers.

Key words: Education. Diversity. Body.

Résumé

PERSPECTIVES EN MOUVEMENT: L'INCLUSION ARTISTIQUE ET CULTURELLE DE L'INDIVIDU HANDICAPÉ

L'article présente et discute les résultats du projet « Perspectives en mouvement: l'inclusion artistique et culturelle de l'individu handicapé », développé entre le mois d'avril et le mois d'octobre 2010 auprès de la Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SECULT) – Fundo de Cultura da Bahia, Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB). Le thème traité dans le contexte du projet porte sur le processus d'autoconnaissance de soi qui a lieu dans le cadre des relations humaines dans la mesure où un tel processus peut ouvrir les voies de l'autoformation; parmi les facteurs qui contribuent au développement de ce processus nous trouvons l'expérience théâtrale, l'intégration des individus handicapés et le travail des enseignants.

Mots-clés: Formation. Diversité. Corps.

Recebido em 28/10/2010

Aprovado em 15/11/2010

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. Assembleia Geral das Nações Unidas. *Declaração universal dos direitos humanos*. 10 dez. 1948. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm>. Acesso em: jul. 2009.

BRASIL. Decreto Legislativo n. 186, de 9 julho de 2008. Disponível em: <http://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/99423?mode=simple&submit_simple=Refer%C3%A2ncia+simplificada>. Acesso em: jul. 2009.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: set. 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Corpo sem órgãos. In: _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. v. 3, p. 9-29.

DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.

DUFRENNE, Mikel. *Estética e filosofia*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 26 jun. 2010.

OFICINA discute inclusão de portadores de deficiência em ações culturais. Fala de registrada durante a oficina que discutiu a inclusão de portadores de deficiência em ações culturais. *Agência Brasil-DF*, Taís Leitão, 18 out. 2008. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2008/10/20/oficina-discute-inclusao-de-portadores-de-deficiencia-em-acoes-culturais/>>. Acesso em: 10 out. 2009.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Declaração dos direitos das pessoas deficientes*: resolução aprovada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas em 9 de dezembro de 1975. Disponível em: <<http://www.g-sat.net/deficientes-2473/declaracao-dos-direitos-das-pessoas-deficientes-299264.html>>. Acesso em: jul. 2009.

PITA, António Pedro Couto da Rocha. *A experiência estética como experiência do mundo*: a estética segundo M. Dufrenne. Porto: Campo das Letras, 1999.

